



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta
Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos
Contemporâneos; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-559-4
DOI 10.22533/at.ed.594192308

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro,
Maristela. III. Série.

CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.5941923081	
CAPÍTULO 2	23
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5941923082	
CAPÍTULO 3	34
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco Eduardo Nazareth Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5941923083	
CAPÍTULO 4	42
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito Vanessa Aparecida Bernardes de Souza Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
DOI 10.22533/at.ed.5941923084	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo José Carlos Ferraz Hellayny Silva Godoy de Souza Ana Maria Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5941923085	
CAPÍTULO 6	66
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudio	
DOI 10.22533/at.ed.5941923086	
CAPÍTULO 7	77
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
DOI 10.22533/at.ed.5941923087	

CAPÍTULO 8	101
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5941923088	
CAPÍTULO 9	115
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.5941923089	
CAPÍTULO 10	121
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.59419230810	
CAPÍTULO 11	132
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.59419230811	
CAPÍTULO 12	144
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
DOI 10.22533/at.ed.59419230812	
CAPÍTULO 13	157
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.59419230813	

CAPÍTULO 14	166
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	175
ÍNDICE REMISSIVO	176

CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO

Valtuir Moreira da Silva

Professor efetivo da UEG no Curso de História em Itapuranga, Coordenador da Pós-Graduação Lato Sensu em Cultura, Identidade e Região, Coordenador do Projeto de Pesquisa Organização popular e a Diocese de Goiás: mobilização e luta do campesinato em Goiás (1967-1998) e Coordenador do Projeto de Extensão alternativas à violência: educação para uma cultura de paz.
valtuir13@gmail.com

Damiana Antonia Coelho

Professora efetiva da UEG no Curso de História em Itapuranga, Coordenadora do Estágio Supervisionado do Curso de História, Coordenadora do Projeto de Extensão: Museu de História da UEG-Câmpus Itapuranga: memória local e educação.
damianaprof@hotmail.com

RESUMO: Pesquisa que procura discutir o discurso e a representação dos camponeses em sua luta tendo a Diocese de Goiás, via bispado de D. Tomás Balduino, como instituição que esteve presente e se envolveu ativamente nos movimentos de luta e permanência na terra, com intensa mobilização e formação nas experiências que foram surgindo ao longo das décadas de 1970-80. A partir da troca de saberes entre camponeses e membros da Igreja da Libertação, como ficou conhecida, nascem outras instituições que foram importantes

instrumentos e espaço para conquistas em relação à terra. Surgem os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Comissão Pastoral da Terra (CPT) e, posteriormente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST dentre tantas outras instituições e embates que foram sendo reinventados ao longo dessas décadas. Procura-se com as memórias de alguns destes atores sociais, camponeses e representantes da Diocese de Goiás entender como foram sendo apreendidos culturalmente o processo da luta em prol dos camponeses, momento ao qual, nestas memórias coletivas ou individuais podemos compreender como se fora produzida a luta e sua intensa mobilização, o formar-se coletivamente. Destaque da presença importante, para estes embates, do bispo D. Tomás Balduino, cuja vida sacerdotal fora dedicada em ouvir, aprender e incentivar a luta dos camponeses. Leituras essenciais para nossa pesquisa como Walter Benjamin (1994), E. P. Thompson (1987), Jadir de Moraes Pessoa (1999), Carlos Rodrigues Brandão (1986), José de Souza Martins (1990), Maria Yedda Linhares; Francisco Carlos Teixeira (1999), Paul Thompson (2002), Ecléia Bosi (1994) dentre outros. Somem-se a todo este debate os documentos produzidos no trabalho da caminhada da Diocese de Goiás e da Comissão Pastoral da Terra que foram disponibilizados para que pudéssemos acessar as memórias

dos camponeses que serviram como instrumentos para pensar e desenvolver leituras possíveis acerca dos camponeses em Goiás, com especificidade na região da Diocese de Goiás. Assim, o discurso e as inúmeras representações dos envolvidos nos trabalhos da Diocese de Goiás, quer seja os camponeses, como as narrativas de José Bernardino da Cunha e Moris Joaquim da Costa, dentre outros, como lavradores de Jussara, Itapirapuã, Novo Brasil e representantes sindicais de outros municípios traz à tona memórias que narram e contam um pouco desse passado de luta e parceria profícua entre o papel profético de D. Tomás Balduino e os embates experienciados pelos camponeses na região de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Camponeses. Memória. Diocese de Goiás. Luta e Terra.

ABSTRACT: Research that seeks to discuss the peasants' discourse and representation in their struggle by having the Diocese of Goiás, via bishopric of D. Tomas Balduino, as an institution that was present and actively involved in the movements of struggle and permanence in the countryside, with intense mobilization and formation in the experiences that emerged throughout the decades of 1970-80. From the exchange of knowledge among peasants and members of the Liberation Church, as it became known, other institutions were born that were important instruments and space for conquests in relation to the land. The Rural Workers' Unions, the Pastoral Land Commission (CPT) and, later, the Landless Rural Workers' Movement (MST) are emerged among many other institutions and struggles that have been reinvented throughout these decades. It is sought with the memories of some of these social actors, peasants and representatives of the Diocese of Goiás to understand how the process of the struggle for the peasants was being culturally seized, at which time, in these collective or individual memories we can understand how it had seen produced the struggle and its intense mobilization, the forming itself collectively. It is highlighted the important presence, for these conflicts, of Bishop D. Tomás Balduino, whose priestly life had been dedicated to listening, learning and encouraging the peasants' struggle. Essential readings for our research such as Walter Benjamin (1994), E. P. Thompson (1987), Jadir de Moraes Pessoa (1999), Carlos Rodrigues Brandão (1986), José de Souza Martins (1990), Maria Yedda Linhares; Francisco Carlos Teixeira (1999), Paul Thompson (2002), Ecléia Bosi (1994) and others. Add to this whole debate the documents produced in the work of the Diocese of Goiás and the Pastoral Land Commission that were made available so that we could access the peasants' memories who served as tools to think and develop possible readings about the peasants in Goiás, with specificity in the region of the Diocese of Goiás. Thus, the discourse and numerous representations of those ones involved in the work of the Diocese of Goiás, whether they are peasants, or the narratives of José Bernardino da Cunha and Moris Joaquim da Costa, among others, as farmers from Jussara, Itapirapuã, Novo Brasil and union representatives from other municipalities elicits memories that narrate and tell a little about this past of struggle and fruitful partnership between the prophetic role of D. Tomás Balduino and the clashes experienced by the peasants in the region of Goiás.

KEYWORDS: Peasants. Memory. Diocese of Goiás. Struggle and Land.

INTRODUÇÃO

Ao se estudar as memórias do campesinato compreende-se que existe uma construção identitária que se produz coletivamente, na qual estão envolvidos estes atores sociais, grupos de mediações e a interlocução com a sociedade envolvente. Quando se fala no trabalho da mediação em relação ao campesinato temos que estar atentos para muitas facetas da construção dialógica existente levando-nos para compreender que são testemunhos que contam e narram suas histórias como sujeitos. Neste percurso de dialogar, discutir e compreender tais memórias que produzem discursos e representações que remetem à vida em constante embate para viver na terra e ocupá-la é que se propõe pensar a mobilização camponesa em meio ao trabalho da Diocese de Goiás, durante o bispado de D. Tomas Balduino.

Para que se pudéssemos desenvolver as nossas análises aqui propostas utilizamos de fontes que foram selecionadas, nos 20 anos de pesquisa sobre a luta e embates vivenciados pelos camponeses, principalmente, no campo de atuação na Diocese de Goiás, durante as atividades pastorais de D. Tomás Balduino, como Bispo. O acervo documental fora se formando e se tornou um importante arquivo particular, que trabalhamos em projetos de pesquisa e extensão durante nossa trajetória acadêmica na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Itapuranga.

Ressalte que, parte deste material já está disponível no Arquivo da Comissão Pastoral da Terra, através do Arquivo D. Tomás Balduino, inaugurado em 2016. Também acessamos os arquivos de outras instituições, como Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Paróquia Nossa Senhora de Fátima de Itapuranga, bem como, temos um importante acervo de entrevistas que foram realizadas com inúmeros camponeses e lideranças.

Para a análise e escritura da presente comunicação utilizamos a interpretação das memórias registradas em um documento intitulado “Ato de Solidariedade aos Posseiros da Mamoneira”. Também foram essenciais interpretações teóricas de Paul Thompson (1989), Ecléia Bosi (1994), Jacques Le Goff (1982), Verena Alberti (1989) dentre outros autores que ajudaram na compreensão dos usos e abusos da oralidade como instrumento metodológico para interpretar as memórias e produção de sentido nestas narrativas.

Também foram fundamentais as leituras e discussões teóricas de Walter Benjamin (1994), além de pesquisadoress como Carlos Rodrigues Brandão (1987), Jadir de Moraes Pessoa (1999) dentre outros que ajudaram na compreensão releitura da luta, história e resistência do campesinato.

Constata-se que, a estratégia de ouvir e assumir a luta esteve sempre presente na vida pastoral de D. Tomás Balduino, quando toma posse como Bispo na Diocese de Goiás, em 26 de novembro de 1967, percurso que durou até 02 de novembro de 1998, momento ao qual passou a assumir e participar das inúmeras lutas que foram sendo produzidas em prol da permanência e conquista da terra. Com esse

envolvimento pastoral a Diocese de Goiás se colocou como importante instrumento de apoio e expressão frente aos embates que foram sendo materializados e experienciados na história e cotidiano no meio rural em Goiás, principalmente ao longo dos anos de 1970-80. Para que se tenha uma noção da territorialidade, na qual se processaram inúmeros embates em prol dos camponeses, apresentamos a seguir o mapa com os municípios que compõem a Diocese de Goiás. Saliente-se que, em tais regiões estiveram presentes no palco lutas em prol das ocupações, no combate aos despejos, na garantia dos direitos sociais e humanos, no enfrentamento às violências físicas e simbólicas, assassinatos e em todo o processo da organização popular dos camponeses que sonham e esperavam uma caminhada de libertação, como podemos visualizar na figura 01, o mapa da atuação da Diocese de Goiás.

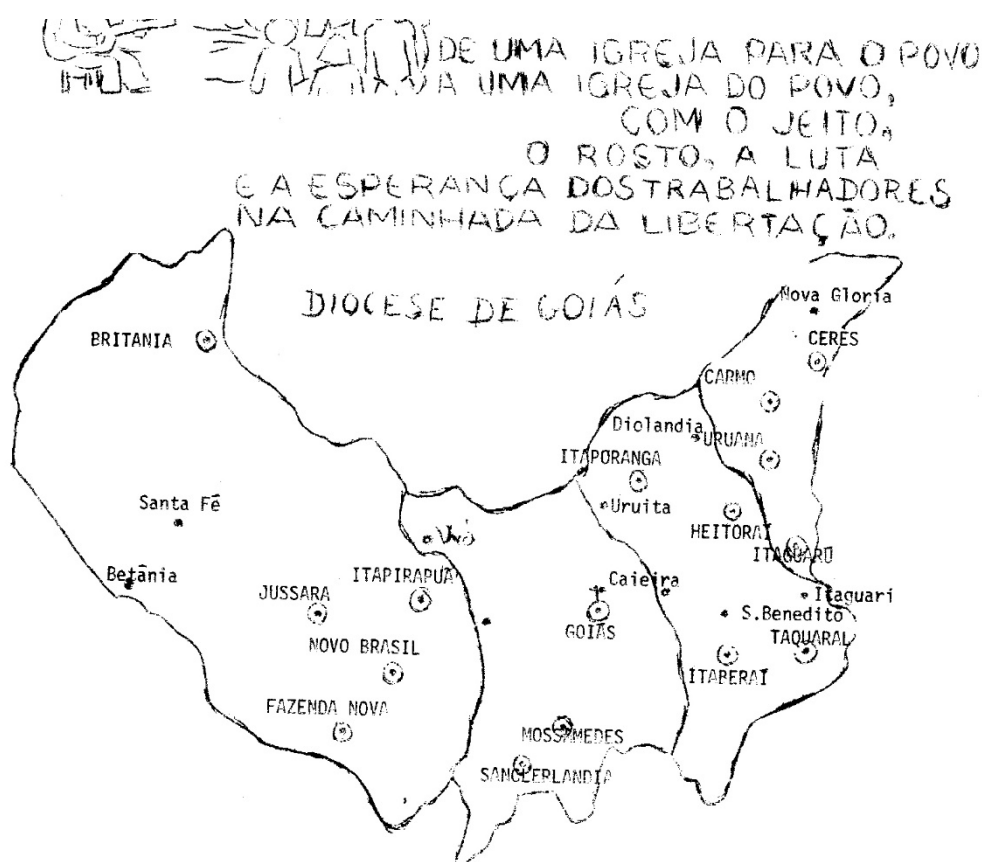


Figura 01: Mapa da caminhada pela libertação

Fonte: Documento 10 anos da Assembleia Diocesana – 15 de setembro de 1978

Com toda essa produção da memória em lutar a partir da mediação fundamental da Diocese de Goiás é que encontramos um processo histórico de formação constante dos envolvidos, quer seja produzido pela Diocese ou nos espaços dos embates vividos. Ao pesquisar as narrativas dos envolvidos nos enfrentamentos vamos nos deparar com memórias coletivas e individuais que nos dão a dimensão do papel essencial da figura emblemática que fora D. Tomas Balduino para a movimentação intensa dos camponeses. Saliente-se que tais fontes foram registradas em fotos, impressos, xerox de reportagens de jornais, como *O Popular*, *Diário da*

Manhã e Opção – ou através de narrativas que foram colhidas e transcritas a partir de entrevistas, ou contares que foram reproduzidos em folhetos que a Diocese de Goiás ou algumas Paróquias produziram demonstrando essa preocupação relevante do papel na mediação, interlocução e possibilidades de trazer à tona tais vozes que eram silenciadas e que se tornaram essenciais para se conhecer a relevância política destes atores sociais. O que se percebe é que há um discurso que se aproximava do rosto e a luta do povo, como demonstra os dizeres do documento anterior, procurando criar uma representação da caminhada que auxilia e apoia a libertação.

Saliente-se que, o empoderamento e tomada de decisões em relação aos lavadores, camponeses ou posseiros, estava posto no discurso e representação do grupo diocesano, momento ao qual encontrou eco no cotidiano destes homens e mulheres que vivia no meio rural, realidades que se entrecruzavam para se reconhecerem como expropriados, como nos demonstrou Martins (1990). Importante afirmar que, a luta pela terra e garantias legais em relação ao campo já estavam postas, eram *costumes em comuns* entre os camponeses em vários municípios que compunha a atuação da Diocese de Goiás.

Goiás, estado agrário e que sempre vivera sob os auspícios do latifúndio e da opressão de fazendeiros em relação aos camponeses, razão pela qual, com a presença de D. Tomás Balduino, a partir de 1967, o que se percebe é que os processos de resistência contra o *status quo* reinante se fortaleceu, ao longo das décadas de 1970-80. De posse das fontes documentais encontradas nos arquivos da Diocese, Comissão Pastoral da Terra, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Paróquias constatamos que toda essa região se transformou em uma área de constantes lutas e embates tendo como espaço de intensa mobilização produzida pelos trabalhadores(as) rurais. Assim, os camponeses aproveitaram o trabalho pastoral e da mediação da Igreja do Evangelho¹, procurando reinventar os discursos existentes e construindo um novo olhar para essa realidade e que pudesse ser modificada toda a exploração, expropriação e exclusão destes que lutavam pela terra.

Portanto, nas memórias dos camponeses encontramos todo esse entrecruzar do envolvimento do Bispo da Diocese de Goiás, refazendo um longo caminho de não mais agora, rezar somente com os ricos, mas houve uma aproximação e colaboração para com a luta dos trabalhadores rurais, permanecer, ocupar, produzir a terra, sem contar que, a busca por justiça social e direitos humanos integrais para todos – saúde, educação, alimentação e garantias legais no mundo do trabalho.

Várias experiências da luta camponesa poderiam ser tratadas aqui, no entanto, há uma escolha do pesquisador, quando nos apropriamos dos testemunhos dos

1 O termo Igreja do Evangelho serviu como um discurso importante para se preconizar entre os trabalhos pastorais desta direção pastoral de Tomás Balduino como um chamamento e envolvimento de todos para com as causas dos trabalhadores rurais. Interessante observar que a construção desta Igreja do Evangelho se fortalece com o aprendizado que os agentes das pastorais se apropriam da vivência e experiências dos trabalhadores(as) rurais, constituindo uma igreja preocupada em fazer com o evangelho transformasse e ajudasse na mudança de vida de todos.

Posseiros da Fazenda Mamoneira, município de Fazenda Nova que, através de um ato público de solidariedade realizado, no dia 08 de fevereiro de 1981, podemos visualizar o fortalecimento e as novas orientações nas experiências da jornada de luta dos camponeses. Portanto, muitos outros embates vividos puderam contar com a mediação da Diocese de Goiás, destaque para eventos dos posseiros em Itapuranga, Fazenda Nova, Itaguaru, Cidade de Goiás, Sanclerlândia e Mossâmedes, nas décadas de 1970-80, tornando-se em importante espaço de aprendizados para com o envolvimento e tomada de decisão, nesse caos, do “posseiros da Fazenda Mamoneira”, como foram conhecidos.

Compromissos coletivos da Diocese de Goiás que foram socializados no relatório da 11ª. Assembleia Diocesana, publicado no dia 13 de setembro de 1980, demonstrando o papel importante da Igreja que se aproximava e se envolvia com os mais necessitados, principalmente com os lavradores. Veja-se o que nos apresenta um trecho do documento:

Que os lavradores:

- Se juntem com os trabalhadores conscientizados, mesmo de outra religião, para organizar a classe trabalhadora.
- Expliquem para os trabalhadores não conscientizados a importância e o sentido dos sindicatos.
- Batalhem para que as mulheres e menores lavradores sejam sindicalizados.
- Deem importância às chapas de oposição e se esforcem no sindicato.
- Os que têm terra não saiam de suas terras.
- Os sem-terra lutem para conseguir terra para nela trabalhar.

Também é importante destacar que a opção em estar ao lado e com a luta dos camponeses, criou uma importante mobilização coletiva, ou seja, do grupo social. Fato constatado no movimento vivido pelos posseiros da Fazenda Mamoneira, no município de Fazenda Nova (GO), que pudemos encontrar relatos de dirigentes sindicais e companheiros que representavam outras experiências na luta camponesa em toda a região. No preâmbulo do documento intitulado “Ato de Solidariedade aos Posseiros da Mamoneira” registrou-se a presença e participação do bispo D. Tomás Balduino, no dia 08 de fevereiro de 1981. A seguir apresentamos um trecho dessa narrativa:

Os posseiros da Mamoneira, no município de Fazenda Nova (GO), para ter mais força na luta de reivindicação de seus direitos sobre a terra deles, pensaram bem em convidar Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás Velho. Ele veio junto com o advogado de confiança da diocese, conversou bastante com a turma, se informou sobre os últimos acontecimentos, porque ele está seguindo passo a passo a luta dos posseiros. À noite foi celebrada uma missa com a comunidade de Fazenda Nova em apoio da luta dos posseiros. Contamos com a presença de representantes das comunidades e dos trabalhadores de outros municípios (Jussara, Itapirapuã,

Novo Brasil...), além de todas as comunidades do município de Fazenda Nova. Tinha representante da CPT Regional (Comissão Pastoral da Terra), e participou também o advogado Antonio Geraldo Ramos Jubé, de Goiás.

Importante destacar que a presença de representantes da Diocese de Goiás, Comissão Pastoral da Terra - CPT, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais serviu como um instrumento dos posseiros da Fazenda Mamoneira se reconhecessem como sujeitos da história, trazendo narrativas dos embates vivenciados cotidianamente contra a grilagem de suas terras e a importância de um movimento que os unia em suas diferenças. José Bernardino da Cunha, posseiro da Fazenda Mamoneira narra assim a história da luta:

A gente que é posseiro da Fazenda Mamoneira tem algumas dificuldades pra comunicar pra vocês. Tem que explicar o que é a dificuldade, porque se agente fala que tem dificuldade e não explica, talvez vocês não poderiam entender por que motivo existe essa dificuldade na qual estamos passando.

Ressalte que a narrativa de José Bernardino da Cunha quer demonstrar um discurso unificador de que todos que estão na luta pela Mamoneira são posseiros, criando uma identidade daqueles lutadores para na terra permanecer, distinguindo da grilagem perpetrada pelo fazendeiro naquele momento. Daí, os discursos proferidos seria uma estratégia para esclarecer à sociedade os motivos e as razões de estarem se manifestando em praça pública. Tal como assevera Moris Joaquim da Costa, outro posseiro ao afirmar que:

Eles – os grileiros – chegaram, passaram na porta de minha casa, da casa da minha mãe e mediram a terra sem autorização nossa. Aí nós pegamos e fomos falamos para entender qual era a intenção deles. Aí nós fomos, e encontramos eles com o agrimensor deles na estrada. Batemos um papo... nós disse pra ele: como que você está fazendo esta medição nesta terra? Nossa terra, em 1948 meu pai comprou uma escritura, na Mamoneira.

Assim, como parte dialógica entre estes e a sociedade envolvente seria importante e necessário fazer a distinção entre ser posseiro e grileiro, deixando evidente que a posse da terra, desde 1948, era uma demonstração histórica e social de quem deveria ficar e continuar em suas glebas. Fazem registro do processo de pressão vivido pelos posseiros com a derrubada das cercas que faziam divisas da Fazenda Mamoneira. José Bernardino da Cunha narra assim tal fato:

O fazendeiro – grileiro que está mexendo na nossa área, mandou derrubar 400 metros de cerca, e jogou na base de 400 réis de gado no pasto de um nosso companheiro. Isso aí continuou mais ou menos uns noventa dias, este gado comendo na terra do posseiro. Para o pessoal que é pequeno, o prejuízo é grande.

O que se apreende de toda essa narrativa de pressão e violência sofrida pelos posseiros da Fazenda Mamoneira foi a produção de um longo aprendizado dos seus

direitos em relação à posse da terra. Daí, a importância de D. Tomas Balduino e os agentes de pastorais que motivaram os trabalhadores contratar um defensor, advogado. Nesse sentido, surge a primeira vitória, quando a Justiça lhes deu ganho de causa, “o juiz liberou a favor do posseiro. Eles conseguiram fincar as cercas de novamente; e o grileiro tirou o gado. Então isso aí para nós é uma libertação”, afirma José Bernardino.

Assim, toda essa trajetória vivida pelos posseiros da Fazenda Mamoneira produziu narrativas que destacam a importância do papel Diocese de Goiás, CPT e do apoio fundamental de outros companheiros que se somaram à luta, vindos de outros municípios para comporem a luta. Destaque para uma representação cultural que sempre estivera no universo camponês, a sua solidariedade, via o mutirão, expressa por José Bernardino da Cunha assim:

Então o que fizeram os posseiros? Fizeram um mutirão mais ou menos quarenta pessoas, e arrancamos aqueles marcos. Bom! Isso aí a gente tem de amostrar pra todo o pessoal, que a gente fez isso ai porque a gente tem um direito que assiste a gente. Nós estamos lutando na força da união dos posseiros – somos muita gente. Mas também temos apoio da CPT e também o apoio dos trabalhadores que vai nos ajudar, que tem dado o respaldo, para nós posseiros. Tudo que conseguimos através do respaldo dos companheiros e através da nossa união.

Nesse intenso processo de articulação entre os seus companheiros, a presença do bispo diocesano serviu como um fator instigador para com a intensa luta dos camponeses, demonstrando que a Igreja Goiás deveria estar se “metendo” com o sofrimento e embate dos outros, nesse caso os camponeses, inspirados em princípios bíblicos como demonstrar a narrativa de D. Tomás em sua homilia proferida durante o ato de solidariedade para com os posseiros da Fazenda Mamoneira, afirmou que:

Como primeira coisa, vou dar uma explicação. O pessoal pode perguntar assim: por que a Igreja está se metendo também nesta questão de posse? Se mete no sindicato, se mete em movimentos dos trabalhadores, agora também de posse. Eu respondo com este Evangelho (Jesus alimenta a multidão, MC 6,34-44. Como nós acabamos de ouvir: Jesus se preocupa com a fome do pessoal. Mas eles entenderam a palavra de Jesus; saíram por aí procurando: conseguiram os pães, os peixes. O começo da solidariedade!! Os apóstolos animaram a solidariedade. É por isso que estou aqui em nome de Jesus Cristo, que multiplicou os pães; em nome da Igreja que continua a Caminhada de Jesus Cristo.

Essa caminhada que continua, como afirmou D. Tomás Balduino, serviu como instrumento para motivar os camponeses em suas intensas lutas e embates. E que, as memórias que relatam toda essa trajetória da luta camponesa, estivera presente a lembrança do papel importante da Diocese de Goiás e outras instituições que ajudaram e apoiaram muitos movimentos ao longo das décadas de 1970-80. E que, a partir das memórias da luta camponesa e com D. Tomás Balduino seja perceptível uma intensa rede de solidariedade entre todos na luta pela terra e seus direitos coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o discurso e as inúmeras representações dos envolvidos nos trabalhos da Diocese de Goiás, quer seja os camponeses, como vimos com José Bernardino da Cunha e Moris Joaquim da Costa, dentre outros, como o próprio D. Tomás Balduino, além de outros companheiros que não foram compartilhados nesta comunicação, como lavradores de Jussara, Itapirapuã, Novo Brasil e representantes sindicais de outros municípios traz à tona memórias que narram e contam um pouco desse passado de luta e parceria profícua entre o papel profético de D. Tomás Balduino e os embates experienciados pelos camponeses na região de Goiás.

Os exemplos são significativos e se fazem representar por todos os municípios que compõem a Diocese de Goiás. Os camponeses são vistos no envolvimento da luta pela terra, na tentativa de fazer frente a expropriação do campo, nos embates por saúde pública, na sindicalização e tomada dos sindicatos dos trabalhadores rurais, a partir da oposição sindical.

Entrementes aos debates e representações encontradas nas experiências dos camponeses em todo o campo da Diocese de Goiás, tendo ao lado o bispo D. Tomás Balduino concluir-se-á com a letra da Folia da Esperança de autoria dos irmãos Pedro e Onofre, do município de Itaguaru retratando todo este percurso de caminhada e envolvimento dos camponeses e com a presença de D. Tomás Balduino em prol de uma vida no campo com solidariedade. Assim diz a letra, produzida em 1979:

Dez anos de Caminhada
Na Diocese de Goiás
Trouxe do Concílio de Roma
O nosso Bispo Tomás

Contra a injustiça e exploração
A sua voz se levantou
E a nós pobres sem terra e liberdade
O seu apoio ele mostrou

Éramos um povo sem futuro
E todos desanimados
Com ele apreendemos a coragem
E não seremos derrotados

Descobrimos a verdade
Na caminhada de 10 anos.
Com certeza e esperança
Que nós estamos lutando

O Cristo da justiça e igualdade
Não deixa nós parar
Ai todos os lavradores

Vão ter terra pra plantar

Um dia que vai chegando
Os últimos será os primeiros
Cristo nos fortalece
Ele é nosso companheiro

Nessa noite de alegria
Vamos cantar nossa Esperança
Quem aceita o Evangelho
A vitória ele alcança

São 10 anos que hoje celebramos
De luta e dedicação,
Pra frente com Tomás ao lado
Celebraremos a libertação.

Desta forma, salientamos que a integração de D. Tomas Balduino, Bispo da Diocese de Goiás, a Comissão Pastoral da Terra, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com os movimentos camponeses contribuiu para o fortalecimento da identidade e do reconhecimento dos camponeses enquanto sujeitos no processo de luta pela terra. Essa formação identitária favoreceu a construção do discurso e das redes de apoio coletivo na luta contra a grilagem, que expropriava o camponês que tinha trabalho na terra, porém não possuía a documentação da mesma.

No estudo de caso específico, da Fazenda Mamoneira, no município de Fazenda Nova, observamos que a presença da Diocese de Goiás trouxe possibilidades de formação de uma rede coletiva para o enfrentamento e luta pela manutenção do camponês na terra, desafiando a estrutura vigente e a garantia de suporte para as eventualidades e ameaças dos grileiros que se legitimavam donos da propriedade. Essas redes de apoio foram estendidas em outras regiões da Diocese, o que demarcou a relevância das lutas pela terra empreendidas por D. Tomas Balduino, que continuam na memória e nas ações práticas pelas causas sociais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia. *Estrutura fundiária em Goiás: consolidação e mudança (1850-1910)*. Goiânia: Ed. UCG, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Gregório. *Memórias: segunda parte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; RAMALHO, José Ricardo. *Campesinato goiano: três estudos*. Goiânia: Ed. UFG, 1986.

CAMARGO, Aspásia. História oral e política. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

CARNEIRO, Maria E. Fernandes. *A revolta camponesa de Formoso e Trombas*. Coleção Teses Universitárias. Goiânia: Ed. UFG, 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História oral*. Rio de Janeiro: Diadorim/Finep, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GEERTZ, Clifford. *O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem*. A interpretação das culturas. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 45-66.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LE GOFF, *História e memória*. II Volume. Tradução de Rui Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1982.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARTINS, José de Souza. *A reforma agrária e os limites da democracia na "Nova República"*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 1990.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A revanche camponesa*. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

SILVA, Lúgia Osório. *Terras devolutas e latifúndio: efeitos da lei de 1850*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Tomo I. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade – na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna

Análise espaço

C

Cibercultura

Ciências política

Ciências sociais

Colonização

D

Direitos civis territorialidades

E

Ensino de história

Exponere

F

Feminismo

Filosofia

Fontes documentais

Formação do homem

H

Historiografia

História dos costumes

História intelectual

Historiografia

I

Igreja católica

Imigração

L

Literatura

Lutas

M

Meio ambiente

Memória

Micro-história

O

Organizações sociais

P

Política

Populismo

Protestante

R

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-559-4

